

Fatalidade entrega os destinos do país a Sarney

Brasília — 15/3/85 — Foto de Evandro Teixeira

— É você Sarney.

A frase com que o Deputado Ulysses Guimarães, Presidente da Câmara, dirimiu uma grave dúvida na interpretação constitucional no momento em que se evidenciou a impossibilidade de Tancredo Neves assumir a Presidência, adquire agora o seu significado pleno: José Sarney é o Presidente da República, com todas as prerrogativas e responsabilidades do cargo.

O político e escritor maranhense chega ao posto supremo da hierarquia do país antes dos 55 anos de idade (completou-os no dia 24 de abril), mas já crestado, numa longa vida pública de mais de três décadas, por bem-sucedidas experiências nos poderes Legislativo e Executivo: Sarney foi deputado federal e senador, em várias legislaturas, e governou o seu Estado de 1966 a 1970.

Mudança

Em menos de um ano, a trajetória política de Sarney mudou radicalmente. Em junho de 1984, ele deixou de ser presidente do PDS, partido oficial de um regime militar. Em 1985, tornou-se Presidente da República de um regime civil apoiado principalmente pelo PMDB, que era oposição quando Sarney era Governador.

A situação, portanto, é delicada. E, por isso, Sarney tem ouvido muitas vezes, inclusive de ministros de sua equipe, variantes da frase que lhe foi dita na noite do dia 14 de março pelo Deputado Ulysses Guimarães: "É você, Sarney". Tradução: apanhado pela doença de Tancredo numa crise que ele não previu, abatido durante a série de cirurgias das últimas semanas a ponto de perder a capacidade de iniciativa, ele não tem agora alternativa a não ser tomar conta do posto e comandar um Governo que foi montado por outras mãos.

Na prática, isso equivale a tomar posse novamente na Presidência — desta vez, para ficar no mínimo até 1987, quando a futura Assembléia Constituinte decida que tamanho terá seu mandato e como será feita a sua sucessão. Tecnicamente, ele é o titular, a partir de hoje, de um Governo de seis anos. Pelos compromissos da campanha sucessória, assumidos por Tancredo, deve governar quatro anos. Esses são os limites máximos do mandato de Sarney.

O limite mínimo dependerá, deste momento em diante, do que ele fizer nos próximos dias para ajustar ao que manda a Constituição as condições políticas em que a Presidência da República lhe caiu nos ombros. Algumas providências já estão acertadas com antecedência. Sabe-se por exemplo que todos os ministros, escolhidos por Tancredo, entregarão seus cargos a Sarney, numa cerimônia de renúncia coletiva. Em resposta ao gesto de boa vontade, Sarney manterá todos em seus lugares. Esse é o ritual.

Aliados

Para se consolidar no Governo, Sarney conta com aliados importantes. O principal deles é, dentro do Ministério, o próprio Antônio Carlos Magalhães, que possivelmente tomará rapidamente o papel de articulador político do Governo. Outro apoio imprescindível será o do Ministro das Minas e Energia, Aureliano Chaves — que já deu uma demonstração de que está disposto a tudo na manhã do dia 15 de março. Com Tancredo recém-operado pela primeira vez no Hospital de Base de Brasília, ele foi para o Palácio do Planalto horas antes da solenidade de posse e, lá dentro, esperou pelos convidados. Temia que se tentasse no Palácio qualquer manobra continuista do Governo. João Figueiredo, para evitar a posse de Sarney.

Outro Ministro, que, há semanas, trabalha para sustentar o Presidente interino é o da Justiça, Fernando Lyra. Dele vieram iniciativas, como apressar os trabalhos da comissão encarregada de preparar sugestões para a Constituinte — com um calendário cheio, feito especialmente para colocar nos trilhos as reformas políticas. A Constituinte funciona contra uma espécie de dique, barrando iniciativas como de convocações imediatas de eleições diretas para a sucessão de Sarney. Questões como essa ficam guardadas para depois de 1986, quando se elegerão os deputados e senadores com mandato constituinte.

Fora do Governo, mas dentro da Comissão, Sarney pode contar com o suporte do professor Afonso Arinos de Mello Franco. Presidente da comissão, ele tem dissolvido, com sua autoridade de constitucionalista, todas as interpretações

talhadas com o objetivo de contestar a legalidade do Governo Sarney.

Experiência

Mas Sarney precisará sobretudo da experiência política do próprio Sarney. A Presidência lhe chegou de surpresa. No ano passado, quando rompeu com o Governo Figueiredo e se desligou do PDS, levou dias anunciando aos amigos que, dali para a frente, iria cumprir exclusivamente seu destino literário. "Vou botar uma sandália no pé e sair por aí", dizia.

Vestiu, ao contrário, a faixa presidencial, em circunstâncias difíceis sobretudo porque o obrigaram a tomar posse de um país decepcionado com a morte de Tancredo, um líder cuja popularidade Sarney sabe que não está nem perto de substituir. Mas Sarney tem, a seu favor, um dado importante. Em 30 anos de política, as coisas com ele quase sempre deram certo.

Mas o passo inicial da caminhada de Sarney começa quando ele, mal saído da Faculdade de Direito, turma de 1953, aceita convite para ser oficial de gabinete do Governador Eugênio de Barros. Convite que era uma deferência que o líder pedesista Vitorino Freire — de notória ascendência sobre Eugênio de Barros e todos os Governadores de seu tempo, no Maranhão — queria prestar ao pai do jovem bacharel, Desembargador Sarney de Araújo Costa.

Embora já ligado à UDN — vinha de lutas políticas estudantis e até presidira a União Maranhense dos Estudantes — José Sarney aceitou ser auxiliar de um Governador do PSD. Para as eleições parlamentares de 1954, Vitorino, que mandava de fato na política do Maranhão, articulou uma coligação PSD e UDN e incluiu o nome de Sarney entre os candidatos a deputado federal.

Apesar do apoio vitorinista, Sarney não se elegeu em 1954. Ficou numa modesta suplência. Em 1956 foi chamado, porém, ao exercício do mandato. Ganhou depois a eleição de 1958 e reelegeu-se em 1962. PSD e UDN já não se entendiam mais na política maranhense. Sarney já era o principal líder udenista no Estado e, nessa condição, ensaiando vãos mais altos, elegia Vitorino, o antigo protetor, como seu adversário de confronto.

Projeção

Membro destacado da Bossa Nova da UDN, Sarney foi o seu último integrante a chegar, no bojo de grandes movimentos de empolgação popular, a um Governo de Estado (1965). Antes dele, Seixá Dória (Sergipe), Petrólio Portela (Piauí) e Aluizio Alves (Rio Grande do Norte) ganharam eleições em 1962. Logo após ganhar as eleições e se tornar Governador maranhense, Sarney não deixou nenhuma dúvida sobre o que achava do Estado:

— É uma ilha de atraso, com elevada taxa de analfabetismo, problemas endêmicos, populações do interior pobres em habitação, vestuário e alimentação, sem médicos, sem energia elétrica e sem assistência de nenhuma natureza.

Senador até se tornar Vice-Presidente na chapa de Tancredo, depois de ter sido Governador, Sarney ganhou projeção como tribuna parlamentar. Mas de todos os seus discursos, o de maior significação não foi feito da tribuna parlamentar da Câmara ou do Senado, mas do centro de uma mesa no edifício Sofia, no Setor Comercial Sul de Brasília, onde fica a sede nacional do PDS, o partido que presidiu.

Pressionado de todos os lados pelos malufistas, que cobravam dele posições mais firmes na condução do processo sucessório — fracassada a sua idéia de realização de uma prévia que apontaria o candidato único do partido — Sarney socou o ar e um discurso breve, de apenas quatro minutos, anunciou sua renúncia à presidência pedesista. Embora curto, este foi o seu mais importante discurso: disparo que feriu de morte a candidatura Paulo Maluf, iluminou os horizontes da dissidência do PDS que o Vice-Presidente Aureliano Chaves procurava ordenar e que, por assim dizer, indicava a Tancredo o caminho capaz de levá-lo a vencer no Colégio Eleitoral.

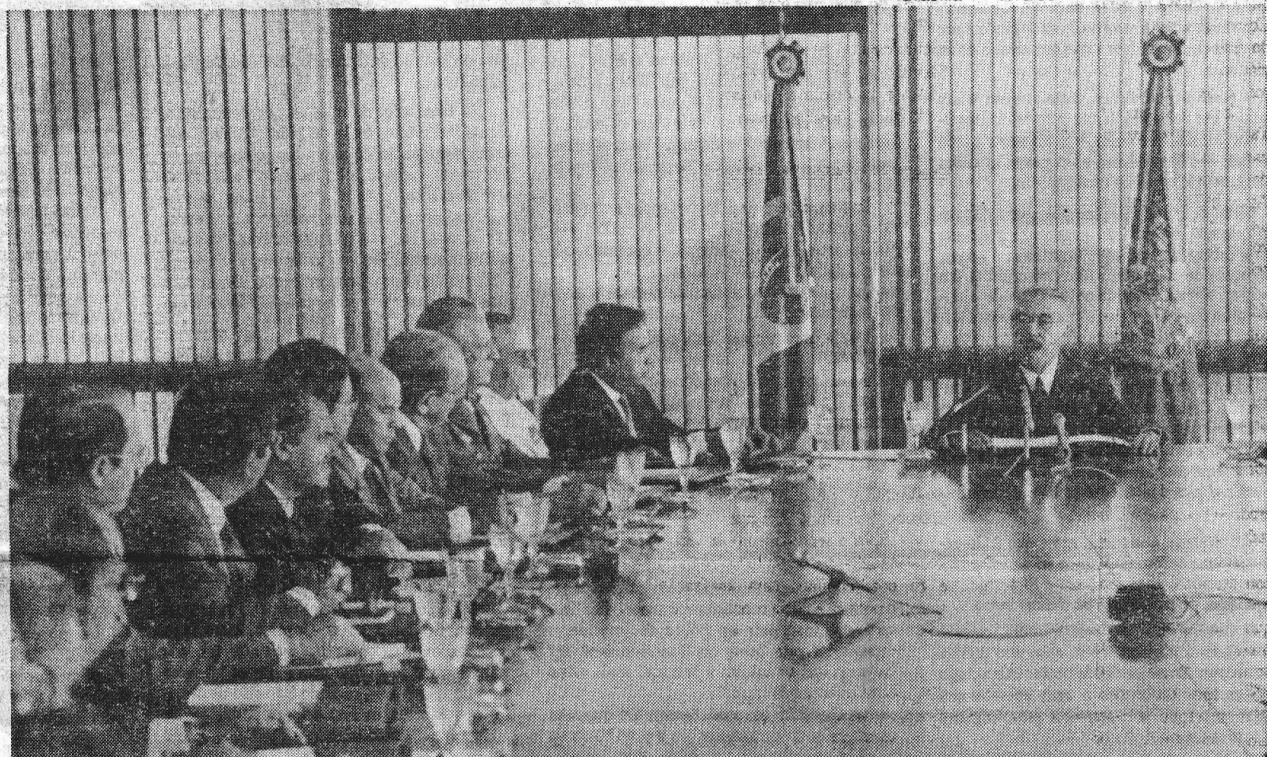
Vice por exclusão, depois que Marco Maciel recusou-se a aceitar a postulação com receio de ter o mandato cassado, Sarney é o Presidente por não temer jamais o brilho da sua estrela. Um imortal em dívida com os companheiros da Academia Brasileira de Letras que já não pode mais prever, tantos são os problemas que desabaram sobre os seus ombros, quando poderá, tranquilamente, voltar aos chás das quintas-feiras, uma tradição dos membros da ABL.

Arquivo — 19/12/79

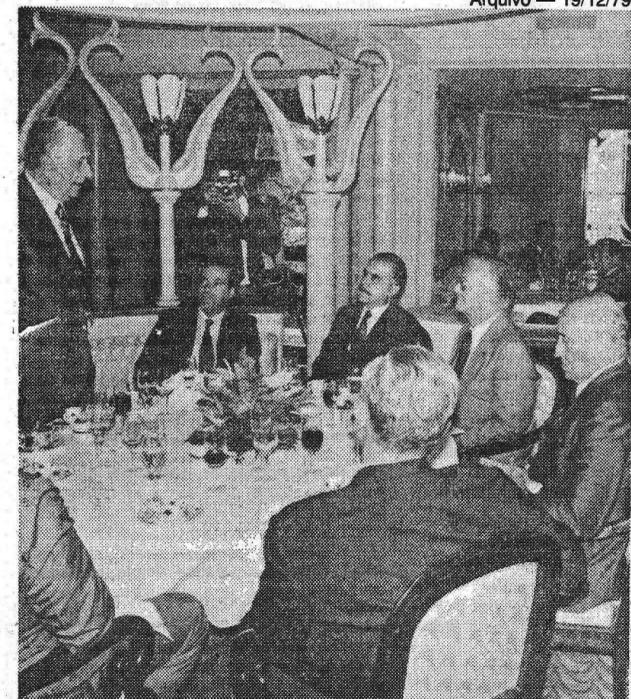


Tenso, o Vice-Presidente Sarney prestou o juramento no Congresso no dia 15. Não mais deixou a Presidência

Brasília — 17/3/85 — Foto de José Varella



Na primeira reunião do ministério, convocada para um domingo, Sarney leu o discurso preparado por Tancredo



Quando Médici fez 74 anos, recebeu sua homenagem